



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

**Faculdade de Educação
Formação Intercultural de Educadores Indígenas**

**INFÂNCIAS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS XAKRIABÁ:
PALAVRAS DE UM POVO QUE LUTA PARA A SUA TRADIÇÃO
PRESERVAR**

Belo Horizonte,
2022.

Silene Costa Barbosa Macedo

**INFÂNCIAS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS XAKRIABÁ:
PALAVRAS DE UM POVO QUE LUTA PARA A SUA TRADIÇÃO
PRESERVAR**

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas.

Orientadora: Bárbara Bruna Moreira Ramalho

Coorientadora: Shirley Aparecida de Miranda

Belo Horizonte,
2022.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço e dedico este trabalho a Deus, que meu deu forças para superar todos os momentos difíceis com que eu me deparei nesta etapa da vida.

Agradeço e dedico este percurso também:

Ao meu pai, João Costa Barbosa, e à minha mãe, Maria Aparecida Nunes Barbosa, por serem pessoas essenciais na minha vida, estando sempre do meu lado, me ajudando e incentivando nesta importante tarefa.

À minha filha Jeniffer, que deixei sob os cuidados do meu cunhado e da sua esposa durante a minha estadia em Belo Horizonte para participação nos Módulos da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI).

Ao meu esposo Aldinei pelo apoio e pela compreensão.

Às minhas irmãs, Leonice, Regiane, Andreia; e aos meus irmãos, Elvercio e Wesli, que, sem medir esforços, sempre me apoiaram nesta importante missão da vida. Agradeço a cada um e a cada uma deles e delas pela paciência, cuidado e carinho.

Ao meu cunhado José Nilson, à sua esposa Arlete e aos seus filhos, Edilene e Wemerson, por cuidarem muito bem da minha filha, Jeniffer, em minha ausência na aldeia enquanto eu estava na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

À minha cunhada Cleide por cuidar da minha casa, das plantas e das criações enquanto eu saía para estudar.

Às demais cunhadas, Merancie, Marizete e Maria das Dores, por, de vez em quando, fazerem a faxina na minha casa e limparem o meu quintal.

A todas as lideranças e ao cacique pelo apoio e bravura nas lutas para que o FIEI acontecesse. A persistência de vocês nas lutas nos inspira e ensina a nunca desistir frente aos obstáculos. Com vocês aprendi e aprendo que cada dificuldade enfrentada faz de nós mais fortes, experientes e sábios.

A todas as pessoas da minha comunidade que, com suas sabedorias e conhecimentos, contribuíram muito para a minha formação.

Às orientadoras Bárbara e Shirley, que me auxiliaram o tempo todo no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a todos os colegas, professores e bolsistas do FIEI e à coordenação da turma da Matemática. Agradeço ainda à equipe da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sou grata e dedico este trabalho, por fim, a todos os estudantes indígenas.

RESUMO

O presente trabalho foi produzido no contexto de conclusão do curso de Matemática no âmbito da Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa aqui apresentada tem por objetivo caracterizar e compreender as infâncias, os brinquedos e as brincadeiras do povo Xakriabá em diferentes tempos da nossa história recente. Além de ser um registro de memórias, o trabalho tem intenção de contribuir na compreensão sobre como as mudanças e permanências aqui verificadas se relacionam com as dinâmicas da cultura Xakriabá ao longo dos anos. O estudo foi realizado entre 2021 e 2022 nas aldeias Sumaré II e Barra do Sumaré, terras indígenas localizadas no município de São João das Missões, Minas Gerais. No que diz respeito às estratégias metodológicas, além do registro das memórias de infância da pesquisadora, foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos seus pais e à sua filha. A escolha dos sujeitos se justifica pelos desafios enfrentados no decorrer da pesquisa, mas também pela compreensão da potência e pertinência de se abordar o tema a partir de uma perspectiva geracional e no âmbito de um mesmo núcleo familiar. A elaboração de desenhos pelas entrevistadas e pelo entrevistado também foi uma estratégia metodológica mobilizada para a realização do estudo. Os resultados encontrados nos permitem, de um lado, concluir, que, com o passar do tempo, houve importantes mudanças nas experiências de infâncias no povo Xakriabá, inclusive no que diz respeito aos brinquedos e brincadeiras. Por outro lado, os dados nos levam a compreender que tais transformações não implicaram, necessariamente, na perda da força da cultura do povo Xakriabá e de seus costumes tradicionais.

Palavras-chave: Brinquedos Xakriabá; Brincadeiras Xakriabá; Infância Xakriabá; Cultura Xakriabá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização Terra Indígena Xakriabá no Norte do estado de Minas Gerais.	11
Figura 2 - Festejo na comunidade.....	12
Figura 3 - Preparação para o Festejo Cultural – Festa de Santa Cruz.....	13
Figura 4- Mapa da aldeias Xakriabá no norte do estado de Minas Gerais com destaque, em amarelo, para as aldeias Sumaré I, II e III.....	14
Figura 5 - Prédios da Escola Estadual Indígena Bukinuk da aldeia Sumaré II.....	16
Figura 6 - Fotografias: Pesquisadora.	16
Figura 7 - Prédios da Associação Indígena Xakriabá Aldeias Sumaré / Peruaçu (AIXASP) – À frente galpão onde fica localizada a despulpadora dos frutos; Ao fundo, o centro comunitário, espaço de realização de eventos e reuniões.	17
Figura 8 - Posto de saúde da aldeia Sumaré II. Prédio construído pela Prefeitura do Município São João das Missões, MG.....	18
Figura 9 - Crianças Xakriabá brincando na aldeia Sumaré II.	19
Figura 10 - Casa Xakriabá do jardim Mandala na Faculdade de Educação da UFMG.....	24
Figura 11- Módulo na Faculdade de Educação da UFMG.....	25
Figura 12 - Sala de aula FIEI.	25
Figura 13 - Maria Aparecida Nunes Barbosa.	31
Figura 14 - Maria Aparecida Nunes Barbosa se formando na UFMG.....	32
Figura 15 - Maria Aparecida Nunes Barbosa se formando na UNOPAR....	33
Figura 16 - Brinquedos de barro.	34
Figura 17 - Boneca de milho verde.	35
Figura 18 - Bonecas de pano e de barro.	36
Figura 19 - Balanço no riacho.	37
Figura 20 - Brincadeira de casinha.	38
Figura 21 - Cavalo de pau.	39
Figura 22 - Perna de pau.....	40
Figura 23 - Brincadeira de roda.....	41
Figura 24 - Brincadeira de roda “Dança, dança meu benzinho”.....	42
Figura 25 - Ariri.	43
Figura 26 - João Costa Barbosa.....	44
Figura 27 - João Costa Barbosa, filhos e esposa.....	45
Figura 28 - Carrinho de madeira.....	46
Figura 29 - Cavalo de cipó.	47
Figura 30 - Brincando de garrote.	48
Figura 31 - Brincando no barranco do riacho.....	49
Figura 32 - Silene Costa Barbosa Macedo.	50
Figura 33 - Carrinho de madeira.....	53
Figura 34 - Estilingue.	54
Figura 35 - Tomando banho e brincando no riacho.....	55
Figura 36 - Cozinhadinha no mato.....	57
Figura 37 - Casas de enchimento.....	58
Figura 38 - Brincando de escolinha.....	59
Figura 39 - Arapuça.	60

Figura 40 - Contando histórias a noite em família.....	61
Figura 41 - Roda de história com a comunidade uma das tradições presentes até os dias atuais.....	61
Figura 42 - Jeniffer Barbosa.	62
Figura 43 - Jeniffer Barbosa na companhia da professora Rosângela e seus coleguinhas de escola, amiguinhos de infância.	63
Figura 44 - Casinhas de papelão e alvenarias.	64
Figura 45 - Jogando peteca.	65
Figura 46 - Brincando de breia ou gelinho.....	66
Figura 47 - Brincando de pular corda e de várias outras brincadeiras.	68
Figura 48 - Cantiga de roda.	69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O POVO E O TERRITÓRIO XAKRIABÁ.....	11
2.1. O POVO XAKRIABÁ.....	11
2.2. A ALDEIA SUMARÉ II	14
2.3. OS ESPAÇOS DA ALDEIA SUMARÉ II	15
2.4. AS CRIANÇAS, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS NO TERRITÓRIO XAKRIABÁ – ALDEIA SUMARÉ II	18
3. CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA E CAMINHOS DA PESQUISA	21
3.1. TRAJETÓRIA E INTERESSE PELO TEMA	21
3.2. PERCURSO METODOLÓGICO	26
4. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS DIFERENTES GERAÇÕES	31
4.1. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MEMÓRIAS E PALAVRAS DE MARIA APARECIDA NUNES BARBOSA, MINHA MÃE	31
4.1.1. A INFÂNCIA VIVIDA	33
4.1.2. OS BRINQUEDOS.....	34
4.1.3. AS BRINCADEIRAS.....	36
4.2. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MEMÓRIAS E PALAVRAS OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MEMÓRIAS E PALAVRAS DE JOÃO COSTA BARBOSA, MEU PAI	44
4.2.1. A INFÂNCIA VIVIDA	45
4.2.2. OS BRINQUEDOS.....	45
4.2.3. AS BRINCADEIRAS.....	47
4.3. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MINHAS MEMÓRIAS E PALAVRAS	49
4.3.1. A INFÂNCIA VIVIDA	50
4.3.2. OS BRINQUEDOS.....	52
4.3.3. AS BRINCADEIRAS.....	54
4.4. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS PALAVRAS DE JENIFFER BARBOSA, MINHA FILHA	62
4.4.1. A INFÂNCIA VIVIDA	63
4.4.2. OS BRINQUEDOS.....	64
4.4.3. AS BRINCADEIRAS.....	65
4.5. BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E A CIRCULAÇÃO DA CULTURA XAKRIABÁ	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
6. REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Neste trabalho me dedico a refletir sobre as infâncias, os brinquedos e as brincadeiras Xakriabá ao longo do tempo, buscando compreender como as transformações e permanências vivenciadas nesses artefatos e nas próprias experiências das crianças se relacionam com as dinâmicas recentes da cultura do meu povo.

Conforme compartilharei a seguir, o meu interesse por este tema é antigo. No terceiro ano do Ensino Médio, a partir da produção de um memorial, após refletir sobre a infância que vivenciei - que, por sinal, foi muito boa; e ao escutar histórias reais e bastante interessantes dos, à época, meus colegas, fui atravessada por lembranças, saudades e curiosidade a respeito das infâncias no contexto Xakriabá. De maneira geral, compartilhávamos ali de um sentimento bom sobre do período em que éramos crianças o que, muitas vezes, era sintetizado em expressões do tipo: “a infância é um tempo bom que não volta mais”; e “quando criança, eu era feliz e não sabia”.

Esse interesse inicial pelo tema foi crescendo na medida em que fui cursando a Formação Intercultural para Educadores Indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG), e também a partir do meu trabalho como professora. Foi, então, que optei por realizar meu trabalho de conclusão de curso (TCC) abordando esse tema que é tão interessante e cheio de sentimentos bons.

Nesta pesquisa, além de registrar depoimentos meus, entrevistei três pessoas da minha família. São elas: Maria Aparecida Nunes Barbosa (54 anos), minha mãe; João Costa Barbosa (59 anos), meu pai; e Jeniffer Barbosa Macedo (12 anos), minha filha. Com meus pais, as entrevistas foram realizadas de maneira remota, por meio de WhatsApp. Já com Jeniffer, as conversas foram presenciais, na nossa própria casa.

No que diz respeito à forma, compreendendo, de um lado, que a oralidade é constitutiva da cultura do meu povo e, de outro, entendendo que os depoimentos coletados dizem, por si só e com muita potência, da experiência vivida, neste

Percurso optamos por apresentar integralmente as falas dos entrevistados. Dito de outro modo, optamos aqui não por falar sobre as infâncias, os brinquedos e as brincadeiras experimentados por cada sujeito entrevistado, entre os quais me incluo. Mas por apresentar essas experiências e artefatos a partir das suas próprias vozes.

Quanto à estruturação do Percurso, além desta introdução, o texto aqui apresentado está organizado em três capítulos acrescidos das considerações finais. No primeiro capítulo, nos dedicamos à apresentação do povo Xakriabá e do território da aldeia Sumaré II. Já na segunda seção compartilhamos, de maneira detalhada, a construção do problema e a trajetória da pesquisa. No terceiro capítulo, apresentamos os relatos dos entrevistados sobre as suas experiências infantis, seus brinquedos e brincadeiras para, em seguida, nos dedicarmos a uma breve reflexão sobre a relação desses artefatos com a cultura do nosso povo.

A Terra Xakriabá está inserida em uma região do cerrado brasileiro e, por isso, é marcada por um longo período de seca. Devido a isso, o calendário do povo Xakriabá é organizado em dois tempos: o tempo da seca, que vai de abril a outubro; e o tempo das águas, que se estende de outubro a março.

Durante esses dois períodos fazemos algumas atividades dentro das nossas comunidades. No tempo da seca, por exemplo, fazemos o roçado dos pastos para os animais e a colheita dos alimentos que plantamos. Já no período das águas cuidamos da preparação para o plantio de nossos alimentos, como: feijão, abóbora, melancia, mandioca, milho, dentre outros.

Nesses dois tempos também temos alguns festejos que são comemorados no território como: Santa Cruz, Folia de Reis, Bom Jesus, Reza de Nossa Senhora Aparecida, São José e outros eventos culturais. Todas as pessoas da comunidade participam desses festejos com muita animação.

Figura 2 - Festejo na comunidade



Fotografia: Pesquisadora.
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3 - Preparação para o Festejo Cultural – Festa de Santa Cruz.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao longo da nossa história, as pessoas da comunidade viveram basicamente da roça, da caça e da produção de artesanatos - esteiras, peneiras, brincos, pulseiras e colares - feitos com palha de buriti, sementes, ossos ou madeiras. Além disso, a extração dos frutos do tabuleiro, tais como: pequi, cabeça de nêgo, coquinho, cajuzinho, foram e são formas de subsistência do nosso povo. Esse é o caso também da criação de animais de pequeno porte, das casas de farinha e dos engenhos de cana onde se produz a rapadura, mel, cachaça e garapa.

Recentemente, no entanto, surgiram outras formas de geração de renda dentro das comunidades Xakriabá. Esses são os caos dos trabalhos remunerados em órgãos públicos da saúde, educação e na própria Prefeitura. Há ainda adultos e jovens que saem para trabalhar como cortadores de cana ou com outros serviços de baixa remuneração fora do estado de Minas Gerais.

Nós do povo Xakriabá sempre fazemos tudo com alegria e determinação. Apesar dos desafios que passamos constantemente, somos um povo que nunca desiste de lutar e que jamais se rende à fraqueza e ao medo. Caminhamos com muita persistência, união e força. A nossa cultura nos ensina a nos relacionar

devem orientar a comunidade, ter uma boa convivência com todas as pessoas, ser responsáveis e, principalmente, trabalhar pelo bem comum da nossa gente. É papel das lideranças aconselhar as pessoas da comunidade a respeito de alguns problemas que vierem a acontecer no território, além buscar melhorias para o nosso povo e defender os nossos direitos.

Valdemir Gonçalves Leite e João Batista Pereira dos Santos são, respectivamente, a atual liderança e a vice-liderança da aldeia Sumaré II.

A escola, a casa da Associação e o posto de saúde são importantes pontos de referência para o povo Xakriabá na Aldeia Sumaré II.

2.3. OS ESPAÇOS DA ALDEIA SUMARÉ II

- **Escola Estadual Indígena Bukinuk**

A Escola Estadual Indígena Bukinuk é o local onde os moradores da Aldeia Sumaré II – crianças e adolescentes, mas também os jovens e adultos - estudam.

A escola é composta por dois prédios, sendo um deles construído pela Prefeitura do Município de São João das Missões, MG, e outro pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

Figura 5 - Prédios da Escola Estadual Indígena Bukinuk da aldeia Sumaré II.



Fotografias: Pesquisadora.
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Fotografias: Pesquisadora.



Fotografias: Pesquisadora.
Fonte: Arquivo pessoal.

- **Associação Indígena Xakriabá Aldeias Sumaré / Peruaçu (AIXASP)**

A Associação Indígena Xakriabá Aldeias Sumaré e Peruaçu (AIXASP) é de toda comunidade. Ela é uma associação do agricultor, mas também do morador indígena. Por meio da Associação todos temos acesso a vários direitos.

A AIXASP articula organizações com o objetivo de ajudar os seus sócios que têm como costume cultivar a terra e criar animais. Há várias Organizações Não Governamentais (ONGs) que ajudam a associação a atender as demandas dos sócios.

A associação é conduzida por todos os seus sócios e realiza reuniões mensais para ouvir as suas propostas e demandas da comunidade. Assim, temos vários projetos realizados a partir das demandas levantadas pelos próprios associados.

Além disso, na Associação acontecem serviços comunitários como mutirões e também a extração dos frutos coletados no cerrado. As colheitas, frutas e ervas, são levadas para a AIXASP para serem higienizados e transformados em polpas ou para a produção de remédios caseiros.

Figura 7 - Prédios da Associação Indígena Xakriabá Aldeias Sumaré / Peruaçu (AIXASP) – À frente galpão onde fica localizada a despulpadora dos frutos; Ao fundo, o centro comunitário, espaço de realização de eventos e reuniões.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

- **Posto de saúde da aldeia Sumaré II**

No posto de saúde da aldeia Sumaré II acontecem consultas médicas e odontológicas, além dos processos de vacinação de toda a comunidade. Os atendimentos são realizados com intervalo de, mais ou menos, quinze dias.

Figura 8 - Posto de saúde da aldeia Sumaré II. Prédio construído pela Prefeitura do Município São João das Missões, MG.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.4. AS CRIANÇAS, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS NO TERRITÓRIO XAKRIABÁ – ALDEIA SUMARÉ II

As crianças da aldeia Sumaré II, são extrovertidas e, no dia-a-dia, adoram brincar. Elas costumam brincar nos quintais das casas, nas roças, na escola e no campo de futebol. Brincam também nas festas, nas rezas e nas apresentações culturais, atividades em que estão sempre presentes na companhia dos pais.

Figura 9 - Crianças Xakriabá brincando na aldeia Sumaré II.



Fotografias: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Desde bebês, as nossas crianças vão crescendo naquele contexto e observando os pais, os irmãos, os colegas maiores e tudo mais à sua volta. Assim, no dia-a-dia, elas vão aprendendo a construir brinquedos e a brincar.

Com o passar do tempo algumas coisas vão mudando e com as infâncias, os brinquedos e brincadeiras não é diferente. Mas esse trabalho nos leva a pensar

que há também semelhanças entre as infâncias dos dias atuais e aquelas de antigamente. Além do mais, as três entrevistas que realizamos nos permitem perceber que os brinquedos e as brincadeiras são formas das crianças desenvolvem sua criatividade e sociabilidade, fazendo amizades, aprendendo a conviver com outras crianças, mas também com as pessoas mais velhas. Nesse sentido, entendemos que os brinquedos e brincadeiras nos dão pistas para compreender a cultura Xakriabá ao longo dos anos.

3. CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA E CAMINHOS DA PESQUISA

3.1. TRAJETÓRIA E INTERESSE PELO TEMA

Meu nome é Silene Costa Barbosa Macedo, tenho 32 anos de idade, nasci na aldeia indígena Xakriabá Itacarambuzinho, na cidade São João das Missões, MG. Sou filha de João Costa Barbosa e de Maria Aparecida Nunes Barbosa. Me casei em janeiro de 2009, quando vim morar na aldeia Sumaré II, e tenho duas filhas, uma de 12 anos e outra de 11 meses.

Em 2009, já casada, concluí o terceiro ano do Ensino Médio na aldeia Sumaré I. Nessa época, eu estudava no período noturno e, para chegar à escola, eu ia alguns dias a pé e outros dias em uma moto emprestada do meu cunhado, já que eu e meu esposo não tínhamos nenhum meio de transporte. Nos dias que chovia era muito difícil chegar à escola, pois as estradas alagavam e escorregavam muito. Mas, mesmo com tantas lutas, em dezembro desse mesmo ano consegui me formar.

Assim que concluí o Ensino Médio, fui até os senhores Levino Gomes de Oliveira e João Gonçalves de Alquimim (conhecido como Mixirica), que, à época, eram as lideranças da aldeia onde moro, e falei sobre o meu interesse em trabalhar na comunidade. Naquela ocasião eles me falaram: “Filha, eu sei como é, mas no momento só podemos falar para você ter paciência e saber esperar. Um dia você vai arrumar um serviço aqui na comunidade!”.

Passaram-se, então, quatro anos até que, numa abençoada noite de 2013, o senhor João Gonçalves de Alquimim me ofereceu uma vaga para trabalhar na escola junto aos alunos do Ensino Fundamental. Eu soube naquele momento que o senhor Mixirica, a direção da Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk e outras lideranças da aldeia já haviam se reunido e indicado o meu nome para estar assumindo a vaga.

Naquele mesmo ano comecei a trabalhar na escola como professora e também tive a felicidade de fazer parte da primeira turma do curso de Magistério Indígena oferecido pela Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. O curso aconteceu na Aldeia Brejo Mata Fome, na escola Bukimuju, e foi finalizado em dezembro de 2016.

Desde o ano 2010, e, portanto, antes mesmo de cursar o Magistério Indígena, eu realizava a prova de seleção o FIEI/UFMG. Eu sempre quis passar no curso de Matemática, pois, desse o Ensino Fundamental, eu amo essa matéria. Para mim, a Matemática é fascinante!

Tentei o concurso vestibular por várias vezes, mas sem sucesso. E, como não conseguia passar, depois de muito tentar, fiquei três anos sem realizar a prova.

No ano de 2017, entretanto, em uma reunião que aconteceu na aldeia Sumaré I, observei pessoas de várias aldeias coletando assinaturas das lideranças e caciques para que pudessem realizar suas inscrições no vestibular FIEI. Em um primeiro momento não me mobilizei para participar do processo seletivo, mas no dia seguinte na escola onde trabalho as minhas colegas, que estavam com os envelopes de inscrição em mãos, me perguntaram se eu também não iria prestar o concurso. Eu respondi que não, pois já tinha tentado muitas vezes e não havia conseguido passar.

Sabendo do meu interesse pela área, uma delas ressaltou que naquele ano as vagas eram para o curso de Matemática. Quando ouvi aquilo pensei: “essa é a minha oportunidade!”. Perguntei, então, à minha amiga Luzia se ela tinha um formulário de inscrição sobrando, ao que me respondeu que sim. Com os documentos em mãos fui até as lideranças e o cacique para coletar as assinaturas.

No dia em que o moço da UFMG foi na aldeia Brejo Mata Fome para fazer as inscrições estava chovendo muito e, mesmo com as estradas escorregadias, meu esposo foi me levar de moto para me inscrever.

Chegou, então, o dia da prova. Eu iria realizar a prova na Aldeia Barreiro Preto, que fica, mais ou menos, a sete quilômetros da Aldeia Sumaré II. Por azar, nesse dia o meu relógio estava atrasado. Mas, por coincidência, meu esposo, que estava trabalhando no estado do Mato Grosso, me ligou e falou: “Você ainda não foi fazer a prova?”. Percebendo que estava atrasada, peguei a moto e sai em alta velocidade. Quando cheguei ao portão do local de aplicação das provas o moço falou: “Corre, corre! Você só tem cinco minutos”. Ele me falou qual era minha sala e eu saí correndo. Ainda bem que cheguei a tempo!

Quando distribuíram as provas eu dei uma olhada nas questões e me vi fora de minha zona de conforto: todo o assunto da avaliação era relacionado à área da saúde e, diferentemente de mim que era professora, a maioria das pessoas que estavam ali prestando a prova já tinha alguma familiaridade com essas discussões. Naquele momento eu só pensei: “Meu Deus, o que estou fazendo aqui?”. Todos estavam escrevendo e eu, sem saber o que fazer, permanecia olhando para folha e para o relógio.

Dez minutos se passaram e, mesmo pensando que não saberia nada a respeito daquelas questões, na esperança de conseguir, pelo menos, uma notinha, me propus a ler e a tentar entender as questões. Num primeiro momento, entendi as questões, mas não sabia as respostas exatas. Fui, então, respondendo as perguntas de acordo o meu conhecimento e, ao final, consegui concluir a prova. Me lembro que fui a última candidata a deixar a sala e que saí dali com a sensação de que seria reprovada. Me vi pequenininha e frágil naquele momento.

Quando saiu o resultado do vestibular eu nem acreditei que meu nome estava entre os aprovados. Fiquei muito contente, mas havia ainda um próximo desafio: seria preciso juntar uma graninha para estudar em Belo Horizonte (BH).

No dia 25 de agosto de 2018, junto com uma turma do povo Xakriabá, embarquei rumo à UFMG. Chegamos a BH no outro dia e nos hospedamos em um hotel. Assim que cheguei à cidade tive dificuldade para me adaptar com o clima, com o ambiente da pousada e com os alimentos. Mas depois de umas duas semanas passei a me sentir bem melhor.

Inicialmente tivemos que pagar transporte para nos deslocar do hotel até a FAE, mas depois, a partir da segunda semana, a UFMG providenciou o nosso traslado. A Universidade também arcou com as despesas da nossa estadia na cidade, já que naquele momento ainda não tínhamos a Bolsa Permanência¹.

Tive o privilégio de conhecer a UFMG e os meus queridos professores. Nas aulas, a cada dia eu aprendia coisas novas e interessantes. A criatividade dos professores em suas aulas sempre me surpreendeu. Dava para perceber todo esforço e dedicação que eles colocavam em suas disciplinas para que nós alunos pudéssemos entender e aprender todo o conteúdo.

Figura 10 - Casa Xakriabá do jardim Mandala na Faculdade de Educação da UFMG.



Fotografias: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

¹ De acordo com o site do Ministério da Educação: “A Bolsa Permanência é um auxílio financeiro que tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, em especial os indígenas e quilombolas, matriculados em cursos presenciais ofertados por instituições e institutos federais de ensino superior” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2022).

Figura 11- Módulo na Faculdade de Educação da UFMG.



Fotografias: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12 - Sala de aula FIEI.



Fotografias: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2020, a pandemia do Covid-19 trouxe diversas mudanças na educação. Em razão da necessidade de distanciamento social para prevenir a contaminação das pessoas e diminuir a propagação da doença, as instituições de ensino, inclusive a UFMG, adotaram o regime de ensino remoto e os professores e alunos tiveram que se adaptar e encarar uma nova realidade educacional.

No FIEI não foi diferente. A tela dos nossos computadores, celulares viraram lousas. Nesse período, que, ainda que com algumas mudanças, se estende até o momento da escrita deste Percurso, tudo tem sido muito difícil, para ambos os lados, mas não impossível.

Desde quando eu estudava no Ensino Médio eu tinha um grande interesse de produzir algum trabalho abordando os brinquedos e brincadeiras no território Xakriabá. Eu sempre quis saber como foi a infância das outras pessoas, já que a minha foi muito boa. Esse desejo inicial foi crescendo na medida em que fui cursando a Formação Intercultural para Educadores Indígenas na UFMG e também a partir do meu trabalho como professora.

Tenho saudades da infância que tive e percebo que meus familiares também lembram com muito carinho de quando eram crianças. Às vezes, quando nos reunimos em família - em um momento mágico cheio de sorrisos, sonhos, curiosidades, aprendizado e lembranças, falamos das nossas infâncias como um tempo bom e que não volta mais.

Foi nesse contexto que surgiu meu interesse em realizar meu trabalho de conclusão de curso no FIEI abordando esse tema, que é tão interessante e cheio de sentimentos bons.

3.2. PERCURSO METODOLÓGICO

O processo de construção da pesquisa se deu, primeiramente, a partir da difícil escolha do tema. A princípio, estava tudo encaminhado para que eu realizasse o meu trabalho de conclusão de curso sobre a Associação Indígena Xakriabá Aldeias Sumaré / Peruaçu (AIXASP). Mas, a partir do meu desejo de falar sobre

as brincadeiras e brinquedos no território Xakriabá e em diálogo com os professores do FIEI, optei por mudar de tema.

Assim, a pesquisa aqui apresentada tem por objetivo identificar e compreender os brinquedos e as brincadeiras indígenas Xakriabá em diferentes tempos da história recente do nosso povo. Além de ser um registro de memórias, o trabalho tem intenção de contribuir na compreensão sobre como as mudanças e permanências nos brinquedos e brincadeiras se relacionam com as dinâmicas da cultura² Xakriabá ao longo dos anos. Trata-se, assim, de uma proposta de investigação que dialoga com a provocação realizada por Roque de Barros Laraia (2002), no seu conhecido livro *Cultura: um conceito antropológico*:

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (p.96).

Em novembro de 2021, eu e minhas orientadoras já havíamos decidido quais seriam as pessoas a serem entrevistada na Aldeia Sumaré II, mas alguns imprevistos mudaram o rumo de tudo.

O crescimento dos casos de Covid-19 e da gripe causada pelo vírus H3N2 entre o final do ano de 2021 e o início de 2022, impôs novamente a necessidade de isolamento social a todas as pessoas da aldeia. Além disso, as fortes chuvas que ocorreram no território Xakriabá nesse período causaram alagamento de estradas e transbordamento de barragens, dificultando o acesso às aldeias. Essas questões, associadas aos cuidados que necessito ter com a minha saúde em razão do enfrentamento de uma doença crônica, nos fizeram pensar sobre a pertinência de realizar o estudo junto a pessoas já próximas a mim.

² Neste trabalho entendo como cultura a tradição dos nossos ancestrais em diálogo, com sabedoria e deixando bem claro quem somos e de onde viemos, com as mudanças que surgem ao longo do tempo.

Meu pai, João Costa Barbosa e minha mãe, Maria Aparecida Nunes Barbosa, já haviam me contado histórias de suas infâncias que, do meu ponto de vista, tinham características muito interessantes para este trabalho. Além disso, assim como eu, minha mãe é professora na Escola Estadual Indígena Manbuka, localizada na aldeia Barra do Sumaré, tendo, por isso, contato diário com as crianças, o que também poderia ser um fator interessante para a pesquisa.

Sob esse cenário, para construção deste percurso, optei por realizar entrevistas com meus pais e com a minha filha, Jeniffer Barbosa Macedo. Em razão da pandemia as conversas com meus pais ocorreram de maneira remota, por meio de gravação de áudios via WhatsApp. Já com a minha filha, realizei conversas presenciais.

No que diz respeito ao processo de realização das entrevistas com meus pais, inicialmente, mandei mensagens de texto para a minha mãe e meu pai convidando-os a participar do estudo. De imediato, eles aceitaram participar da pesquisa.

Em princípio eles estavam inseguros, pois nunca tinham dado uma entrevista via *WhatsApp* e confesso que senti o mesmo, já que nunca tinha feito uma entrevista a distância. Minha mãe pediu, então, que eu tirasse foto do roteiro de entrevista e enviasse para ela. Ela leu o roteiro em voz alta para meu pai ouvir, pois ele não foi alfabetizado em Língua Portuguesa, e, em seguida, eles foram respondendo cada pergunta por mensagens de áudio. Depois do envio eles disseram que se eu precisasse saber algo mais era só entrar em contato. No final deu tudo certo.

Os áudios recebidos foram transcritos por mim e, na medida em que eu sentia falta de alguma informação, eu entrava em contato com eles solicitando explicações. Eles sempre me responderam prontamente.

Foi extremamente importante fazer a entrevista com minha mãe e meu pai, pois com eles eu aprendi muitas brincadeiras e também aprendi a produzir alguns brinquedos. Nossos pais nos transmitem a cultura no nosso dia-a-dia. Eles são

as pessoas mais próximas a ensinar a cultura do nosso povo. Além disso, meus pais vivenciaram suas infâncias em momentos diferentes do que a que vivenciei. Por todas essas razões, conclui que foi adequado realizar esse trabalho com eles.

A ideia de entrevistar minha filha surgiu da necessidade de contarmos com o depoimento de uma criança sobre seus brinquedos e brincadeiras. Os seus depoimentos, nós apostávamos, nos ajudariam a melhor compreender a infância Xakriabá e as práticas culturais nos dias de hoje.

Decidi não realizar uma entrevista, mas uma conversa com Jeniffer. Isso porque as crianças não são como os adultos que ficam ali sentados conversando, por muito tempo focado em um assunto. Assim, os depoimentos de Jeniffer apresentados neste trabalho são, na verdade, fruto de diálogos cotidianos entre uma mãe e uma filha. Conversas como tantas outras que temos no nosso dia-a-dia enquanto estamos realizando as nossas atividades em casa. É verdade, entretanto, que esse nosso diálogo foi especial, pois ele tinha a intenção de que falássemos das nossas infâncias, das nossas histórias e das nossas aventuras. Assim, nas conversas que tivemos havia muitas perguntas e curiosidades, mas especialmente, trocas de sorrisos e de admirações.

Inicialmente, expliquei para a Jeniffer que, como ela já sabia, eu sou estudante do FIEI e que para me formar eu precisaria produzir um trabalho de conclusão de curso. Busquei compartilhar com ela o passo-a-passo desse trabalho e também explicar um pouco sobre o que eu queria saber.

No início do processo ela ficou sorrindo e sem saber o que falar, mas, em seguida, me fez várias perguntas, uma atitude que eu não estava esperando. Jeniffer me perguntou primeiramente o que era uma entrevista e, a partir da minha explicação, ainda que um pouco insegura, ela aceitou o convite.

É um pouco difícil conduzir a conversa com uma criança, pois elas têm muitas perguntas, curiosidades e fogem do assunto, então temos que encontrar alternativas e ter sensibilidade para estabelecer um diálogo sem pressioná-las. Nesse sentido e buscando ajudar a Jeniffer, resolvi contar sobre a minha

infância, sobre como eram meus brinquedos e brincadeiras. Ouvindo a minha história ela foi entrando na conversa e assim seguimos com a nossa “entrevista”. Eu falava um pouco de mim e também ouvia ela falar dela. Eu nunca tinha entrevistado uma criança, mas essa foi uma experiência muito boa.

Tendo em vista o caráter geracional da minha pesquisa, mas também a minha relação próxima com os sujeitos entrevistados, consideramos que seria interessante também compartilhar as memórias dos brinquedos e das brincadeiras que vivenciei enquanto uma criança Xakriabá.

Para nós indígenas é muito importante preservar as falas dos entrevistados. Isso tem a ver com a importância que damos à memória das pessoas indígenas: para nós, ter os relatos dessas pessoas é uma riqueza de imenso valor. Daí optarmos neste percurso por trazer as falas das pessoas ao invés de ficar explicando o que elas falaram.

Assim, sob essa compreensão, no processo de registro dos dados neste trabalho a gente fez questão de apresentar as entrevistas das pessoas na sua totalidade, sem qualquer intervenção. Essa foi uma forma de preservarmos as falas sem desaparecer a sua riqueza e sua arte de ensinar.

4. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS DIFERENTES GERAÇÕES

Passamos agora a compartilhar as memórias dos entrevistados sobre as infâncias e sobre os brinquedos e brincadeiras no contexto Xakriabá.

4.1. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MEMÓRIAS E PALAVRAS DE MARIA APARECIDA NUNES BARBOSA, MINHA MÃE

Figura 13 - Maria Aparecida Nunes Barbosa.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Eu, Maria Aparecida Nunes Barbosa, tenho 54 anos, sou casada tenho seis filhos, sendo um deles adotado. Agradeço a Deus por ter uma família da qual me orgulho muito. Moro na aldeia Barra do Sumaré, sou funcionária pública da Rede Estadual de Ensino e atualmente leciono para turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Indígena Xakriabá Manbuka.

No ano de 1996, cursei o magistério indígena no parque do Rio Doce-MG. E em 2006 cursei o curso de Ciências da Vida e da Natureza (CVN) na Formação Intercultural para Educadores Indígenas da UFMG.

Figura 14 - Maria Aparecida Nunes Barbosa se formando na UFMG.



Fotografias: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Também me formei em Ciências Contábeis pela UNOPAR no ano de 2018.

Figura 15 - Maria Aparecida Nunes Barbosa se formando na UNOPAR.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

4.1.1. A INFÂNCIA VIVIDA

Minha infância foi diferente da infância das crianças de hoje porque eu trabalhava e não tinha muito tempo para brincar. Trabalhava em casa e trabalhava na roça. Como eu não tinha mãe, eu tinha que fazer a comida e tinha que ir para roça. Minha infância foi mais trabalhando, mas o serviço não era pesado, nós fazíamos aquilo que a gente aguentava.

Eu não tinha muito tempo para sair para as casas dos colegas, até porque naquele tempo não tinha vizinhos por perto. Algumas vezes a gente ia às festas, mas tínhamos que voltar logo, não podíamos ficar até amanhecer. Meu pai quase não deixava a gente sair de casa. Quando a gente saía era pra ficar só um pouquinho nos lugares, às onze horas da noite já tínhamos que voltar para casa.

O horário que a gente costumava brincar era de meio-dia para tarde, pois pela manhã a gente tinha que estar em casa ajudando nas tarefas domésticas. De manhãzinha a gente se levantava e pedia aos nossos pais o serviço para fazer.

Geralmente, nós fazíamos o tira-jejum e depois algumas crianças iam pegar água - todo dia tinham que pegar água no riacho, outras arrumavam a casa todinha e outras lavavam as vasilhas. Depois que cada um fazia a sua parte, íamos todos para a roça.

Quando a gente chegava da roça, a gente almoçava e à tarde cuidava dos gados do meu pai. Ele criava gados e éramos nós quem cuidávamos deles. Todo dia nós íamos pegar esses gados lá na aldeia Brejinho. A gente levava a criação no riacho e voltava. Nós íamos a pé e voltávamos montados nos cavalos. A gente descascava um bocado de cana e ia chupando e brincando até chegar no cercado. Quando chegava lá, a gente tocava os bichos para dentro do cercado, fechava a porteira e vinha embora. A gente fazia isso todos os dias.

4.1.2. OS BRINQUEDOS

Os brinquedos que nós brincávamos eram feitos de barro por nós mesmos, como os bonecos, as casinhas, as panelas e os animais - bois e as caças. A gente costumava brincar no quintal ou nas matas próximas de casa. Não havia um horário definido para as brincadeiras, quando a gente não estava fazendo nada, a gente aproveitava para brincar.

Figura 16 - Brinquedos de barro.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

No meu tempo a gente também brincava de boneca de espiga de milho. No período dos milhos a gente ia até a roça e escolhia aquelas espigas que tinham cabelos bem grandes e bonitos para brincarmos. A gente fazia tranças, enrolava um pedaço de pano nelas, dava um nome e, a partir daí, brincávamos que as bonecas eram nossas filhas.

Figura 17 - Boneca de milho verde.



Fotografia: Internet.

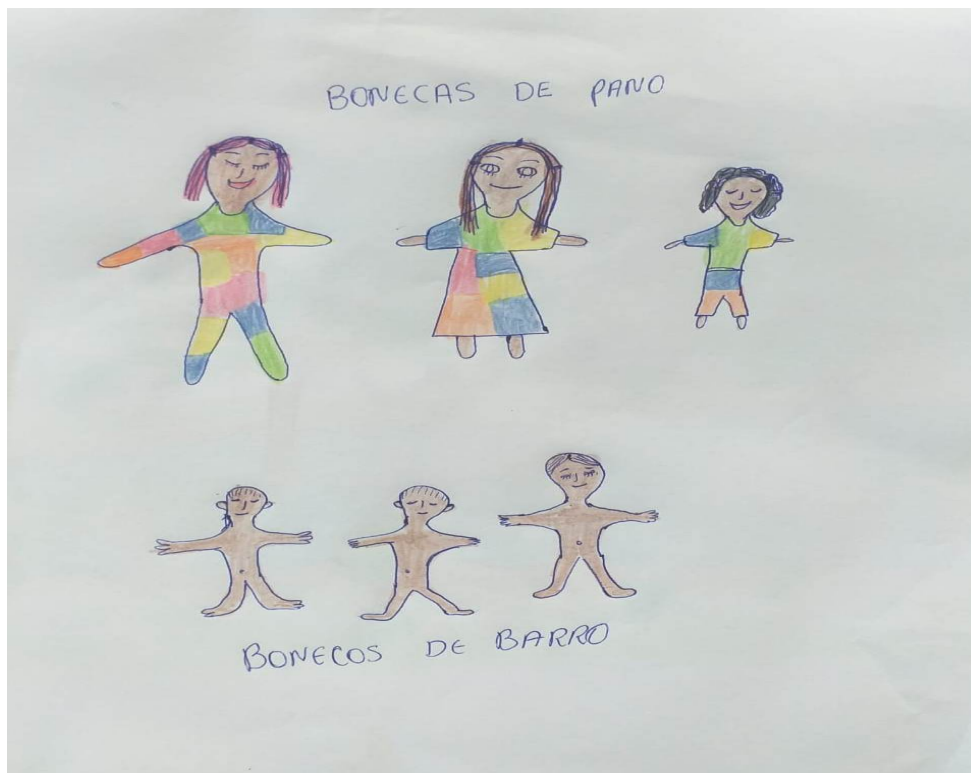
Fonte: Dicas Online - <https://www.dicasonline.com/boneca-de-milho-verde/>

Quando eu era criança a gente fazia também as bonecas de pano. Às vezes as nossas tias nos ajudavam cortando os tecidos para fazermos as bonecas. Depois de tudo cortadinho nos costurávamos e deixávamos um buraco pequeno para poder encher com pedaços de panos. Os olhos das bonecas eram feitos com botões de roupas e a boca com linhas. Para fazer os cabelos a gente ia costurando na cabeça com linhas mais grossas. Nos cabelos, geralmente, a gente usava a linha de cor preta. Depois que a boneca ficava pronta era hora de fazer as roupas. Com a tesoura a gente cortava pedaços de panos e ia costurando com a agulha.

Nós também fazíamos bonecas e bonecos de barro. A gente pegava o barro no barreiro, colocava um pouco de água e, aos poucos, ia modelando aquela massa

até que ela ficasse no formato de uma boneca. Depois colocávamos a boneca em um local para secar. Quando secas, a gente brincava.

Figura 18 - Bonecas de pano e de barro.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.1.3. AS BRINCADEIRAS

No meu tempo eu e minhas irmãs íamos para o riacho tomar banho e ficávamos brincando de balanço no riacho. A gente procurava um cipó bem forte no formato de um balanço e, com um facão, cortávamos todos os galhos de árvores que estavam no caminho. Depois a gente balançava e caía dentro da água.

Figura 19 - Balanço no riacho.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

Quando eu era criança, a gente também brincava de casinha lá no meio do mato. Nós procurávamos uma árvore grande, com bastante sombra, limpávamos o local, e, em seguida, saíamos pelo mato para procurar alguns galhos, matéria-prima para construir a casa. Com galhos e ramos quebrados a gente construía casinhas improvisadas debaixo da árvore.

Figura 20 - Brincadeira de casinha.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

A gente também brincava de cavalo de pau. Com um facão a gente cortava uma vara ou um cipó e amarrava uma tira de pano velho na ponta. O chicote de galho fino de árvore servia para a gente bater no cavalo, que era feito de cipó.

Figura 21 - Cavalo de pau.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

Outra brincadeira da minha infância era a perna de pau. Como a gente não tinha sandália naquele tempo, para andar na terra quente, nas estradas, a gente fazia e usava a perna de pau.

Para fazer a perna de pau era necessário ir até a mata, cortar uma árvore fina com o facão e descascar a madeira com o próprio facão. Em seguida, na parte de baixo da madeira, a gente abria um buraco com um formão e um martelo. Depois do buraco aberto a gente colocava um pedaço de madeira do tamanho suficiente para apoiar os pés em cima.

Figura 22 - Perna de pau.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

Na minha infância, uma brincadeira de brincar junto era o mergulhão. Para dançar o mergulhão a gente fazia duas filas paralelas e as pessoas de uma fila tinham que estar com um pedaço de tecido do mesmo tamanho. Enfileirados, todos começavam a cantar e a dançar uma coreografia.

Um passava para lá, outro passava para cá, sempre segurando as toalhas sem nunca soltar. Conforme ia rodando, dançando e cantando as toalhas ficavam trançadas. As tranças eram desfeitas também conforme a gente ia dançando.

Antigamente essas tranças eram muito usadas em tempos de festas. Na festa de Santa Cruz, por exemplo, quando acabava de rezar todos iam para as casas das pessoas e chegando, depois do jantar, todos iam dançar muitas danças, umas delas era o mergulhão. Durante a noite não tinha esse negócio de baile e

forró, não. Naquele tempo eram só danças culturais mesmo e era muito bom. Todos participavam e muitas vezes as danças iam até amanhecer o dia.

Quando a lua estava bem bonita, clarinha, a gente reunia os coleguinhas e ia cantar na roda.

Figura 23 - Brincadeira de roda.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

A gente jogava versos e cantigas, cantava e dançava: “Rodó, Rodó Piranha”; “Gariroba” e várias outras músicas e versos. Era muito bom! A gente ficava até tarde da noite nos divertindo e, ao mesmo tempo, aprendendo e ensinando versos, músicas e coreografias novas.

Rodó, Rodó Piranha

*Cantiga da piranha:
Rodó, Rodó, Ródo Piranha
Põe a mão na cabeça piranha
Desce e põe o ombro piranha
Põe a mão na cintura piranha*

*Dá uma reboladinha piranha
Dá seu lugar pra outro.*

Gariroba

Pessoa 1: Meu boi bebeu

Todos: Gariroba

Pessoa 1: La no bebedor

Todos: Gariroba

Pessoa 1: Meu chapéu caiu

Todos: Gariroba

Pessoa 1: Meu amor pegou

Todos Gariroba

A gente também brincava de “Dança, dança meu benzinho”. Nessa brincadeira todos davam as mãos e uma pessoa ficava no centro da roda. Quando todos começavam a cantar a cantiga essa pessoa ficava dançando e, de repente, puxava alguém para ficar no seu lugar. A brincadeira ia se desenvolvendo até que todos tivessem dançado.

Figura 24 - Brincadeira de roda “Dança, dança meu benzinho”.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

A gente também juntava os coleguinhas que moravam perto de casa para brincar de roda jogando versos e cantando a cantiga do “Ariri”. Para essa brincadeira

era preciso fazer duas filas com o mesmo número de pessoas cada. A partir daí, em duplas, as crianças se organizavam para formar duas rodas, que giravam em sentidos opostos.

Ao longo da brincadeira, todo mundo seguia rodando e, ao mesmo tempo, quando o refrão "Ô riri, mas, Ô rirá" era entoado, todos trocavam de braços uns com os outros.

Ariri

Pessoa 1: Subi naquela serra

Todos: Ô riri, mas, Ô rirá

Pessoa 1: Com sapato de algodão

Todos: Ô riri, mas, Ô rirá

Pessoa 1: O sapato pegou fogo

Todos: Ô riri, mas, Ô rirá

Pessoa 1: Eu desci com pé no chão.

Todos: Ô riri, mas, Ô rirá

Figura 25 - Ariri.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

A gente gostava de brincar dessas brincadeiras porque as cantigas de roda à noite eram bem animadas e reunia muitas crianças, adolescentes e até adultos. Naquele tempo eu sabia um monte de versos porque a gente sempre praticava.

Mas ai tudo vai mudando com o tempo e muitas coisas vão adormecendo. Eu mesmo sabia cantigas e já não consigo me lembrar de todas. A gente vai esquecendo os nomes.

4.2. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MEMÓRIAS E PALAVRAS OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MEMÓRIAS E PALAVRAS DE JOÃO COSTA BARBOSA, MEU PAI

Figura 26 - João Costa Barbosa.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

Meu nome é João Costa Barbosa, nasci em seis de junho de 1963. Sou casado, tenho seis filhos, sendo um deles adotado. Moro na aldeia Barra do Sumaré e

sou lavrador aposentado. A família é a minha base e agradeço a Deus por ele confiar a mim o privilégio de ter filhos e uma esposa amorosos.

Figura 27 - João Costa Barbosa, filhos e esposa.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal.

4.2.1. A INFÂNCIA VIVIDA

Às vezes o meu pai ia para a roça junto com a minha mãe e nós ficávamos em casa. Com eles iam o finado Marciano, meu primo, e a Maria, minha irmã, para ajudar a arrancar mandioca. Lá mesmo na roça tinham os fornos e eles faziam a farinha que traziam para casa já pronta e ensacada. Eu e os outros meninos, ficávamos em casa e aproveitávamos para brincar. A gente brincava o dia todo e era muito bom! A gente brincava tanto que nem víamos o tempo passar.

4.2.2. OS BRINQUEDOS

Quando criança eu e meus amiguinhos fizemos um carrinho de madeira com três rodas. A gente pegou uma tábua velha, fomos até a mata e tiramos a madeira para fazer as rodas, o eixo e o guidom do carro.

Para fazer o carrinho usamos facão, serrote, martelo, formão e prego. Primeiro, fizemos três rodas e colocamos duas atrás e uma roda na frente da tábua. Depois, colocamos um pau por cima da tábua e construímos o guidom para dirigir. Era tudo muito bem feito!

Nos nossos brinquedos a gente caprichava muito e fazia de forma que eles aguentavam “o baque”. Eles não quebravam de maneira fácil.

A gente ia numa ladeira, limpava, fazia tipo uma rodagem³ e depois a gente descia lá de cima até embaixo. O carrinho não tinha freio e quem não sabia dirigir descia da parte mais baixa da ladeira. Quando chegávamos lá embaixo do morro a gente pegava o carrinho, jogava nas costas e subia novamente. Chegando lá em cima a gente descia montado no carrinho outra vez. Era muito bom! A gente brincava até à tardezinha.

Figura 28 - Carrinho de madeira.



Desenho: João Costa Barbosa.

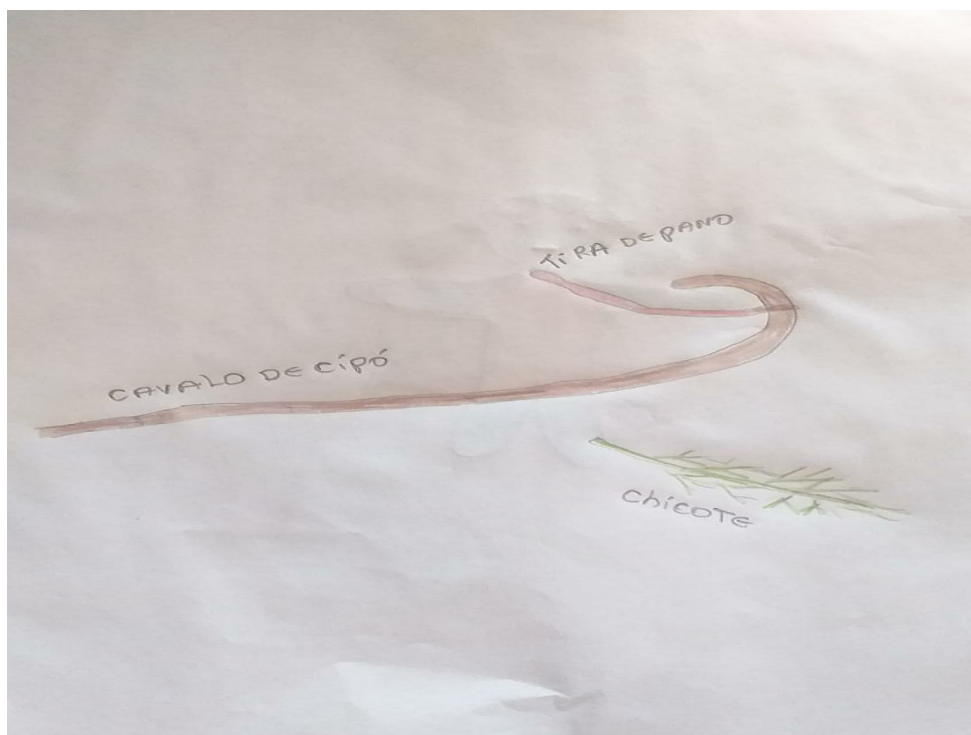
Fonte: Pesquisa de campo.

³ Estrada de terra larga.

Quando eu era criança a gente também fazia cavalos de cipó. Cada criança fazia o seu cavalo e ia brincar nas estradas. A gente ia no mato e caçava um cipó bem grande, cortava com o facão e lá no mato mesmo a gente isolava ele. Com uma embira de malva verde⁴, a gente amarrava as pontas do cipó uma à outra e já vinha para casa montado nesses cavalos.

Nós brincávamos de amansar o cavalo, de galopar, de ver qual cavalo corria mais. A gente também cuidada do cavalo: levava no riacho para dar banho e beber água e amarrava o cavalo no pasto para comer. A gente a fazia o som que o cavalo faz e também brincava de dar coice.

Figura 29 - Cavalo de cipó.



Desenho: João Costa Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.2.3. AS BRINCADEIRAS

Tinha um brejo que tinha uma plantação de bananas e quando as bananas já estavam quase embuchando, ou seja, quase caindo dos cachos, a gente entrava

⁴ Tipo de fibra vegetal.

no meio delas e ia brincar de quebrar a cerca ou quebrar pau. A gente fingia que a bananeira era uma cerca e quebrava os pés de banana lutando.

Quando estávamos cansados a gente ia até o riacho tomar banho e depois voltávamos para brincar de garrote⁵ brigando de novo. Mas essa era uma briga que não machucava os outros para chorar. Quando a gente acabava, a roça banana ficava aquele pizeirão, só a bagaceira: Os pés de banana ficavam todos caídos no chão, quebrados e pisoteados.

Quando a gente chegava em casa com a roupa suja e rasgada os nossos pais proibiam a gente de brincar de garrote. Naquele tempo as roupas eram difíceis e eles tinham que trabalhar muito para comprar o pano de saco para fazer as nossas roupas.

Figura 30 - Brincando de garrote.



Desenho: João Costa Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

⁵ O mesmo que touro.

Na minha infância a gente brincava também em um barrancão. Primeiro a gente achava um morro com cipós em cima e um embaixo. Lá em cima a gente se dependurava no cipó e se balançava por cima do riacho.

O poço do riacho era fundo e, às vezes, quando passava em cima do poço, a gente soltava o cipó e caía dentro da água. Os pés tocavam o chão e, com o impulso, a gente saía para cima de novo.

Figura 31 - Brincando no barranco do riacho.



Desenho: João Costa Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.3. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS MINHAS MEMÓRIAS E PALAVRAS

Figura 32 - Silene Costa Barbosa Macedo.



Fotografia: Arquivo pessoal.

Fonte: Arquivo pessoal.

4.3.1. A INFÂNCIA VIVIDA

Vivi momentos felizes com brincadeiras aos arredores da minha casa, nas roças, e nos rios. Eu brincava com minhas irmãs, primos e amigos com a maior alegria que uma criança pode sentir.

Em 1996, minha mãe foi para o Parque do Rio Doce estudar no FIEI para ser professora, ela foi uma das pessoas da primeira turma que foi para lá estudar. Nessa época, mais ou menos quarenta e quatro jovens Xakriabá iniciaram o seu processo de formação para professores. Eles foram escolhidos pelas lideranças da comunidade para participar do curso no Parque do Rio Doce.

Esse período foi muito difícil para os professores Xakriabá. Os estudantes tiveram que abandonar seus trabalhos na agricultura familiar e ingressar nessa empreitada. Depois de concluírem o segundo módulo do curso, todos receberam a notícia de que iriam assumir a sala de aula. Isso foi uma determinação de

lideranças junto com as pessoas do projeto, que acharam que os futuros professores já tinham condições para assumir a sala de aula e, portanto, para ensinar crianças matriculadas entre a primeira a quarta série.

Foi muito difícil convencer a Prefeitura de São João das Missões a contratar os estudantes Xakriabá como professores. Havia algumas pessoas não tinham 18 anos de idade e a Prefeitura não queria assumir essa responsabilidade. Além disso, o prefeito alegava que os futuros professores Xakriabá não iriam dar conta do trabalho porque não tinham formação completa. O prefeito menosprezou a capacidade de todos. Ele achava que os estudantes ainda não estavam preparados para dar aula.

A Prefeitura dizia que já tinha contratado professores formados para todas as escolas da reserva Xakriabá e que, por isso, não iria contratar os Xakriabá. Foi só depois de muita demanda do cacique, das demais lideranças e de toda comunidade que o prefeito contratou os professores indígenas.

Todos começaram a dar aulas enfrentando muitas dificuldades. Logo no início começaram a trabalhar debaixo de árvores e barracos, no terreiro das casas das lideranças da comunidade e em prédios da década de 1970, construídos pela prefeitura de Itacarambi. Isso tudo porque não havia no nosso território um prédio adequado para dar aulas.

Quando minha mãe ia fazer o curso, eu e minhas irmãs mais novas ficávamos com a nossa vovó paterna, que cuidava muito bem da gente. Nessa época eu ficava o dia inteiro brincando com os meus primos e irmãs. Eu pensava que o mundo era só aquele ali onde as minhas vistas alcançavam e que tudo acabava atrás das montanhas. Às vezes, com saudade da mamãe, eu olhava para montanha e falava para minhas irmãs: “a mamãe está bem ali atrás da montanha estudando”. Eu falava isso porque minha vovó falava para a gente que a mamãe estava em um lugar bem naquela direção.

Quando era à tardezinha a vovó gostava de falar que o sol estava entrando e que ia iluminar outro mundo embaixo de nós. Eu, minhas irmãs e primos

ficávamos tão curiosos que queríamos saber que mundo era esse que fica embaixo de nós. Um dia minha avó falou que era o Japão, lugar onde as pessoas eram diferentes de nós. Nesse dia nós dormimos com isso na cabeça, imaginando como seria possível ter outro mundo embaixo de nós.

Depois de ouvir essa história, já no dia seguinte, nos levantamos cedo e, escondidos, pegamos as escavadeiras e enxadas e fomos para uma mata que tinha ao lado da casa. Lá nós cavamos um buraco para ver se conseguíamos ver o mundo embaixo de nós. Cavamos a terra já imaginando as pessoas pequenininhas que iríamos encontrar. Nós queríamos pegar as pessoas pequenininhas para brincar com elas. Enquanto cavávamos discutíamos quantas pessoas cada um de nós iríamos ter para brincar junto.

Nós cavamos e, não tendo encontrado as pessoas pequenininhas, ficamos revirando a terra que era retirada do buraco. Pensávamos que elas poderiam ter saído misturadas à terra e que, por isso, não conseguíamos vê-las. Até tentamos pegar uma peneira da vovó para peneirar a terra, mas não conseguimos.

Ainda que não tivéssemos encontrado o que procurávamos, continuamos acreditando que tinham pessoas embaixo de nós. A gente pensava que era preciso cavar mais fundo. Tínhamos também a hipótese de que as pessoas pequenininhas tinham se assustado com o nosso barulho e, por isso, haviam se escondido.

Nesse tempo nós morávamos na aldeia Itacarambuzinho, mas em 1998 eu e minha família nos mudamos para aldeia Barra do Sumaré. O motivo da mudança foi porque minha mãe trabalhava como professora nas aldeias Barra do Sumaré e Sapê e precisávamos ficar mais próximos do serviço dela, que também era a nossa escola. Na nova aldeia nós já conhecíamos nossas primas e nossos primos e na escola fizemos amizades com outras crianças, com quem brincávamos muito.

4.3.2. OS BRINQUEDOS

Quando eu era criança a gente brincava de carro feito de madeira. Esse carrinho era feito pelo meu pai e era semelhante ao que ele brincava quando era criança. Me lembro que umas três ou quatro crianças montavam nesse carro para descer uma ladeira e cair dentro do riacho.

Figura 33 - Carrinho de madeira.



Desenho: João Costa Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

Nós também brincávamos nas matas com o estilingue de pilotar. A gente arremessava a pilota para cima na tentativa de alcançar o céu. A gente acreditava que era possível tocar o céu com a pilota.

Com a pilota nós também caçávamos passarinhos. Nós usávamos estilingue para pilotar e matá-los. Depois a gente depenava, tratava o passarinho, assava na brasa e comia.

Para a construção do estilingue a gente cortava um pau fino em forma de um gancho, depois pegava um soro⁶, cortava umas ligas finas de borracha e amarrava o soro no gancho e na sola de corino, que é onde se apoia a pilota.

⁶ Tipo de borracha oca própria para estilingue.

A pilota era feita de barro ou terra de formigueiro. A gente molhava a terra com água, amassava o barro até ficar na consistência de uma massa de bolinho de chuva. Depois, fazíamos umas bolinhas do tamanho de bola de gude e colocávamos no sol para secar. Depois de sequinhas era só colocar na capanga e pilotar com o estilingue.

Figura 34 - Estilingue.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.3.3. AS BRINCADEIRAS

Quando eu era criança, a parte mais divertida era brincar com os irmãos mais novos. Nós fingíamos que eles eram nossos filhos. A gente observava as nossas mães em casa e transmitíamos os cuidados nas brincadeiras. A gente dava banho nos filhos, penteava os cabelos, alimentava, brincava, colocava para dormir, passeava, dava conselhos e contava casos com as outras mães sobre o comportamento, inteligência e desenvolvimento do filho. Era muito bom! As crianças gostavam muito de ser nossos filhos. Elas, inclusive, nos chamavam de mamãe durante as outras brincadeiras.

A gente também ia para o rio pescar e aproveitava para tomar banho. Ali a gente colocava areia nos cabelos molhados e falávamos que eles tinham sido alisados. No rio, nós também comíamos bananas e cenouras e chupávamos cana e laranja. A gente só ia embora do rio à tardezinha. Quando a gente saía de lá os nossos olhos estavam vermelhos de tanto ficarmos dentro da água.

Figura 35 - Tomando banho e brincando no riacho.



Desenho: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

Na minha infância a gente também brincava de médico. A gente colocava tinta de urucum por cima da pele para dizer que era o ferimento. Já o remédio nós usávamos as fezes de coelho. A gente colocava as fezes de coelho na boca e engolia com água. Na nossa brincadeira, o carro para carregar os doentes era bicicleta. Para enfaixar os ferimentos a gente usava tiras de panos velhos.

Nós também íamos às rezas de cruzeiros⁷ e ficávamos observando as pessoas cantarem. A gente achava lindo e interessante e quando chegava em casa, no outro dia, a gente ia para a mata, quebrava alguns ramos, varria um espaço e juntava os montes de folhas secas para simular os túmulos. A gente enfeitava tudo com folhas e flores de árvores, sentava e, em seguida, começava a rezar e cantar. Nós não sabíamos das rezas e nem dos cantos, mas íamos cantando só a melodia e inventando alguns dizeres.

Quando eu era criança a gente também brincava de cozinhadinha. Nessa brincadeira as meninas cozinhavam, os meninos pegavam lenha no mato e tinham também os convidados. Nós cozinávamos no mato ou debaixo de um pé de árvore com muita sombra. Para construir o fogão a gente usava pedras ou tijolos feitos pelas próprias pessoas da aldeia. Nós usávamos as panelas dos nossos pais, que ao final eram devolvidos para os donos.

A gente cozinhava alimentos de verdade como arroz, feijão e macarrão. Às vezes a gente pegava um frango no quintal matava, cuidava e cozinhava. Tinha vezes também a gente ia nos ninhos das galinhas dos nossos pais para pegar ovos para cozinhar. As crianças que sabiam cozinhar iam ensinando as outras que não sabiam.

A gente também fazia casamentos e festas de mentira. Nessa brincadeira nós escolhíamos um menino para ser o noivo, uma menina para ser a noiva e outras crianças para serem o padre, o padrinho e a madrinha.

A cozinhadinha acontecia em um local e o casamento em outro. Cozinávamos debaixo de um pé de árvore, sempre na sombra. Quando o casamento terminava, todos iam andando a pé até chegar no local onde estavam os “comes e bebes”. Os noivos sempre iam na frente. Chegando ao local a gente fazia uma roda e rodava três vezes em volta da mesa. Depois, todos se sentavam para

⁷ Quando as pessoas se juntam para rezar no cruzeiro no horário da noite. As rezas têm duração mínima de nove e máxima de trinta dias e acontecem entre os meses de abril e maio.

comer. Antes de comer tinha de jogar a Loas⁸. No final tinha o forró ao som de latas e tambores velhos.

Figura 36 - Cozinhadinha no mato.



Desenho: Maria Aparecida Nunes Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

As pessoas faziam mutirão para construir as suas casas ou fazer algum retoque e as crianças ajudavam. Depois, nas nossas brincadeiras, a gente repetia o que tínhamos aprendido. A gente reunia várias crianças e construía grandes casas de pau. A gente ia no mato, cortava uma madeira fina e levava nas costas para o local onde a casa ia ser construída. Chegando lá, a gente cavava buracos com a escavadeira, colocava as forquilhas e amarrava as madeiras com embiras de croatá. Depois, a gente preenchia as paredes com barro. Como não tinha telha, a gente cobria a casa com capim ou ramo de mato.

Nós cabíamos dentro dessas construções e depois delas prontas, a gente reproduzia os cuidados que nossos pais tinham com a casa. Plantávamos plantas, cercávamos e varriamos o quintal com vassoura de malva.

⁸ “Loas são versos falados nos casamentos Xakriabá. É uma prática exclusiva, uma marca do casamento tradicional Xakriabá. É um momento de celebração, é uma forma diferente de alegrar os momentos festivos do casamento” (LOPES, 2016, p.15) .

As mulheres cuidavam da casa e os homens iam trabalhar na roça, caçar, pegar frutas e resinas de angico e lenha. Nessa brincadeira a gente chamava os outros de comadre e compadre, porque era assim que as pessoas mais velhas falavam entre si.

A gente construía essas casas no tempo da seca porque durava o tempo da seca inteiro. Quando era época das águas as paredes se desfaziam com a chuva e o teto desabava.

Figura 37 - Casas de enchimento.



Desenho: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

A gente também brincava de escolinha reproduzindo o que vivenciávamos em sala de aula. Nós íamos brincar no mato perto de casa e lá limpávamos um espaço entre as árvores e os alunos se sentavam no chão. A professora era sempre a criança mais sabida.

A gente usava materiais escolares de verdade. Às vezes a minha mãe, que é professora, nos dava livros velhos para brincarmos. A lousa era uma pedra grande e o giz era um pedaço de carvão.

Tinha também a serviçal para preparar a merenda. O lanche dependia do que tinha na época, podia ser manga, laranja, goiaba, cana, umbu, banana, resina de angico, canapúm⁹, milho ou passarinho assado.

Figura 38 - Brincando de escolinha.



Desenho: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

Quando eu pequena, todas as crianças costumavam se reunir no final de semana na casa do outro e, juntos, nós íamos todos para o mato fazer arapuca. Cada criança fazia a sua e quem terminava primeiro ajudava o outro. Depois de pronta, cada um levava a sua arapuca para casa e armava lá no mato à tardezinha. De manhã cedo, quando a gente ia olhar, não é que a armadilha pegava passarinhos mesmo?!

⁹ Fruta também conhecida como physalis.

Figura 39 - Arapuca.



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Lá no meu sertão - <https://www.facebook.com/L%C3%81-NO-MEU-sert%C3%A3o-1160193160764498/>

No tempo da minha infância, não tinha energia e a noite era iluminada com candeia e lampião. Nós aproveitávamos, então aproveitávamos esse período para ouvir histórias. Meus pais eram excelentes contadores de histórias: a magia dos seus contos prendia a minha atenção!

Figura 40 - Contando histórias a noite em família.



Desenho: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

Figura 41 - Roda de história com a comunidade uma das tradições presentes até os dias atuais.



Desenho: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.4. A INFÂNCIA, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS XAKRIABÁ NAS PALAVRAS DE JENIFFER BARBOSA, MINHA FILHA

Figura 42 - Jeniffer Barbosa.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo

Sou Jeniffer Barbosa, tenho 12 anos de idade e sou filha de Silene Costa Barbosa e de Aldinei Fernandes Macedo. Estou matriculada no sexto ano do Ensino Fundamental na escola da minha aldeia, Sumaré II. Sou uma menina que adora brincar com minhas amigas e amigos e gosto de ajudar a minha família nas atividades do dia-a-dia. Dessa forma eu vou aprendendo as coisas porque, mais na frente, no futuro, vou precisar colocar em prática esse conhecimento adquirido. Vou aprendendo um pouco com cada um, com meus pais, tios, avós,

vizinhos, anciãos, lideranças e professores. Não há ninguém melhor para nos ensinar se não os nosso povo!

4.4.1. A INFÂNCIA VIVIDA

Na conversa com Jeniffer ela fala que com sete anos ela começou a brincar com os coleguinhas na escola. As brincadeiras eram aprendidas em casa, na escola e também com coleguinhas das aldeias vizinhas.

Jeniffer disse que adora brincar de jogar bola, de peteca, de pega-pega, de esconde-esconde, de queimada, de contar casos entre os amiguinhos e de passear pela aldeia.

Nas suas palavras, ela adora morar na aldeia: *“tenho muitas amigas e amigos e além do mais eu amo meu povo, pois todos tratam a mim e à minha família com muito respeito. Sinto um imenso orgulho de ser Xakriabá de fazer parte desse povo maravilhoso”*.

Figura 43 - Jeniffer Barbosa na companhia da professora Rosângela e seus coleguinhas de escola, amiguinhos de infância.



Fotografia: Rosângela de Araújo Carneiro.
Fonte: Arquivo pessoal.

4.4.2. OS BRINQUEDOS

De acordo com Jeniffer, alguns brinquedos utilizados por elas são construídos pelas crianças, sendo, entretanto, a maior parte deles comprados em lojas.

Hoje em dia, ela nos diz, as crianças se reúnem e fazem as casinhas para brincar com as bonecas de caixas de papelão e também de alvenaria. Depois das casas prontas elas começam a brincar de donas de casa. Em suas brincadeiras elas se inspiram nas suas mães e, assim, cuidam da casa, dos bebês e fazem comidas de mentirinha. Elas também chamam as outras coleguinhas de comadre e conversam sobre os comportamentos dos filhos.

Figura 44 - Casinhas de papelão e alvenarias.



Fotografias: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.4.3. AS BRINCADEIRAS

Jeniffer disse que tem hábito de brincar de peteca. Em sua fala ela explica que para brincar é preciso que uma criança segure a peteca com uma mão e a arremesse para as outras crianças que estão na brincadeira. A ideia é fazer o arremesso sem deixar o brinquedo ciar. A criança que não deixa a peteca cair nem uma vez, ganha.

Figura 45 - Jogando peteca.



Desenho: Jeniffer Barbosa.

Fonte: Pesquisa de campo.

Ela também fala das brincadeiras na chuva. Segundo o seu relato, quando está chovendo uma chuva tranquila, sem relâmpagos, as crianças saem das casas e vão brincar nos quintais das casas. Eles brincam de correr e escorregar na lama e de guerra de lama.

Ela contou ainda que brinca de o esconde-esconde, uma brincadeira que envolve várias crianças. Nela, a maior parte do grupo se esconde e um participante deve caçá-los. Essa criança fica encostada em frente a uma árvore ou a uma parede

e, enquanto os demais se escondem, conta de um até dez. Quando chega no número dez, o participante sai procurando os outros que se esconderam e o primeiro que for encontrado será o próximo a contar e procurar os colegas.

Outra brincadeira a que Jeniffer se referiu foi “Porta Bandeira”. Nas suas palavras, *“essa brincadeira é muito boa porque brincamos, correndo, pulando e gritando. Eu adoro brincar assim. A gente chega a suar de tanto correr. A gente brinca com várias crianças envolvendo jovens e adolescentes”*.

Porta bandeira também é conhecida por outros nomes como: Corta Bandeira, Pega Bandeira e Rouba Bandeira. Para brincar de porta bandeira não tem um número exato de pessoas. Podem brincar crianças e também jovens e adultos.

Para essa brincadeira é preciso ter um espaço grande para correr. É preciso dividir o espaço ao meio, fazendo um risco no chão e ter um objeto para cada lado, a bandeira, que costuma ser um ramo de árvore. O objetivo da brincadeira é tomar a bandeira do adversário.

A brincadeira tem início a partir do momento em que uma pessoa passa para o território adversário na tentativa de pegar a bandeira. Se ela conseguir pegar o objeto sem ser tocada por alguém da outra equipe ela faz ponto para o seu grupo. Caso seja tocada, ela terá que permanecer no lugar até que outra pessoa da sua a “descongele”. Ganha a brincadeira o grupo que fizer mais pontos.

Breia ou Gelinho também é uma brincadeira com vários participantes e à qual Jeniffer faz em referência em seu relato.

As crianças saem correndo e tem uma pessoa escolhida para pegá-las. Quando essa pessoa toca em outra criança ela não pode mais sair do lugar, ela fica “congelada”. O descongelamento só acontece quando um novo colega toca nela.

Figura 46 - Brincando de breia ou gelinho.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

Segundo Jeniffer, ela e seus coleguinhas também adoram brincar de pular corda na escola e nas casas dos amiguinhos. Na escola tem uma corda para brincar, mas em casa ou na casa dos meus amigos eles usam o cabresto dos cavalos.

Essa brincadeira é da seguinte forma: duas crianças seguram em cada ponta da corda de mais ou menos dois metros e vão girando essa corda deixando ela bater no chão. As outras crianças formam uma fila e vão entrando pulando a corda em movimento. É possível também iniciar a brincadeira com a corda parada. A brincadeira é realizada em locais abertos e planos.

Podem entrar até três pessoas na corda, mas os pulos e movimentos têm que ser sincronizados. Para brincar de pular corda há coreografias e músicas. Enquanto pulam as crianças ficam cantando assim:

Suco gelado

*Suco gelado,
cabelo arrepiado
quero saber a idade do seu namorado.
É um?
É dois?
E três?*

...

Os números são contados em sequência e, o número em que a criança errar o salto ou esbarrar na corda, será a idade do seu futuro namorado.

Figura 47 - Brincando de pular corda e de várias outras brincadeiras.



Desenho: Larissa Seixas Ferro Carneiro.

Fonte: Pesquisa de campo.

Jeniffer faz referência ainda às brincadeiras de roda. Ela explica que nessas brincadeiras as crianças dão as mãos formam um grande círculo. A partir daí elas vão rodando, dançando e cantando as cantigas culturais do povo Xakriabá.

Lavar a saia

*Passarinhozinho na beira da praia,
Como é que sua mãe lava a saia?*

É assim, é assim, é assim, é assim que minha mãe lava a saia. (Bis 2x)

Figura 48 - Cantiga de roda.



Fotografia: Pesquisadora.

Fonte: Pesquisa de campo.

Com seus colegas, Jeniffer também brinca de polícia e ladrão. A brincadeira tem início com os meninos sendo os policiais e as meninas as ladras. Os policiais têm que prender as ladras e, para isso, correm atrás delas e as colocam sentadas em um banquinho dentro de um círculo riscado no chão. Esse círculo é a cadeia.

Depois que os policiais prendem todas as ladras os papéis são trocados: os meninos passam a serem os ladrões e as meninas as policiais.

4.5. BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E A CIRCULAÇÃO DA CULTURA XAKRIABÁ

Este trabalho dialoga com outras pesquisa realizadas no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, o FIEI.

O trabalho de Eliane Araújo Santos e Valdineia Moreira Silva (2016), por exemplo, realiza uma reflexão sobre a importância de se resgatar os brinquedos e brincadeiras antigos considerando-se que as crianças de hoje não praticam

mais muitas das brincadeiras tradicionais do nosso povo, tampouco produzem seus próprios brinquedos. Para a realização do estudo, foram realizadas entrevistas com os mais velhos e com os jovens das aldeias Sumaré I e III.

Já o percurso de Fernanda Nunes Barbosa e Gildésio Almeida Mota (2015), cujo título é *Brinquedos Xakriabá das aldeias Riacho dos Buritis e Pedrinhas*, aborda os brinquedos tradicionais produzidos por crianças e adultos Xakriabá. No âmbito da pesquisa foi realizado o levantamento de quarenta brinquedos que, posteriormente, foram organizados em dezenove fichas catalográficas, que possibilitam melhor conhecer a história desses artefatos. O estudo contou com a participação de crianças de duas turmas multisseriadas da escola Uikitu Kuhinã e de seus pais.

Em diálogo com esse conjunto de produções, este Percurso pretendeu contribuir com o campo de conhecimento sobre infâncias indígenas, mas, sobretudo, com o povo Xakriabá, registrando um pouco mais das histórias das nossas crianças de suas práticas nos territórios.

Este trabalho nos dá pistas sobre as mudanças e as permanências da nossa cultura ao longo do tempo. Isso porque, as infâncias apresentadas aqui foram vivenciadas em tempos diferentes, assumindo, por isso, características que, do nosso ponto de vista, têm relação com o contexto vivido. Assim, a investigação nos permitiu concluir que, ao longo dos anos, alguns brinquedos e brincadeiras mudaram, mas outros permaneceram como antigamente. Isso porque os pais ensinam às crianças Xakriabá algumas brincadeiras de sua época, mas elas também acessam. A transmissão desses conhecimentos se dá na observação, na escuta, em rodas em que os anciãos contam um pouco de sua história de infância para as crianças, jovens e até mesmo adultos e, claro, pela própria experiência conjunta de brinquedos e brincadeiras.

A transmissão dos conhecimentos não acontece só dos pais para os filhos, mas também de crianças para crianças. No momento em que essa criança está brincando com outras ela está transmitindo aquilo que aprendeu. Brincando, elas aprendem, mas também ensinam. Nas brincadeiras elas vão produzindo os

brinquedos e a cultura. Partilham o que aprenderam com os mais velhos, mas também cantigas, brincadeiras, brinquedos produzidos por seu próprio grupo.

O trabalho também nos levou a pensar sobre as diferenças entre os brinquedos e brincadeiras historicamente atribuídos “aos meninos” e “às meninas” Xakriabá. Entendemos que essas diferenças, muitas vezes, estão relacionadas ao papéis tradicionalmente assumidos por homens e mulheres na comunidade, questão que, sabemos, não deixa de ser atravessada por relações de poder.

Ao realizar o trabalho, entendemos também que, na verdade, a infância de antigamente não é melhor nem pior do que a infância de hoje. Elas são diferentes. Em todas elas há contradições, potencialidades e desafios.

É verdade que com o passar dos os brinquedos estão sendo mas industrializados. Essas alterações, entendemos, são reflexos de conjunto de forças que se movem na cultura Xakriabá e que trazem mudanças que também são contraditórias.

Com esta pesquisa, entendemos que a cultura não está se perdendo. Ela permanece com o mesmo potencial e força. À medida em que o tempo vai passando as coisas vão mudando, mas a cultura nunca deixará de existir ou desaparecer. A cultura está apenas tomando outras formas, convivendo com outras questões que vão surgindo pela frente .

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho pude perceber que nós Xakriabá somos realmente um povo de histórias em todos os assuntos. Não só os mais velhos, mas também os mais novos têm histórias e conhecimentos adquiridos.

Nós estamos sempre engajados na luta por nossos direitos, preservando a cultura. Por mais que sejamos um povo sofrido e vítima de muitas ameaças, em nenhum momento a nossa cultura deixou de existir. Ela permanece com a mesma intensidade e força, se transformando com o tempo e com as novas gerações, mas também mantendo os ensinamentos dos nossos ancestrais.

Enquanto existir povos indígenas no Brasil nossa cultura também vai existir!

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fernanda Nunes; MOTA, Gildésio Almeida. **Brinquedos Xakriabá das aldeias Riacho dos Buritis e Pedrinhas**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LOPES, Luzionira de Sousa. **Loas e versos Xakriabá: tradição e oralidade**. 216. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

PEREIRA, Verônica Mendes. **A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013

SANTOS, Eliane Araújo; SILVA, Valdineia Moreira. **Brincadeiras e brinquedos antigos e atuais das aldeias Sumaré I e III**. 2016. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

SILVA, Cássio Alexandre da. **A natureza de um território no sertão no norte de Minas Gerais: a ação territorial dos Xakriabá**. 2014. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2014.